

Família, em versão nova

"Criei minha filha sozinha (que tem hoje 13 anos) e agora, que me casei novamente, tenho dois enteados: um de 10 e uma de 12 anos. Estamos todos morando juntos e uma coisa me incomoda demais: os filhos do meu marido foram criados com muita mordomia e não ajudam em nada pela casa, ao passo que a minha filha sabe até passar roupa! Temos brigado bastante porque reclamo disso e ele não faz nada para melhorar a situação. Parece que ele realmente não entende esse problema!"

– Márcia, Los Angeles.

Pelo tom da sua mensagem, estou assumindo que o seu casamento é relativamente novo. Se for esse o caso, Márcia, não só você, mas o seu marido e as três crianças devem estar passando por uma fase de adaptação na qual vários questionamentos são levantados.

Uma família mesclada como a sua, fruto de um casal com filhos de relacionamentos anteriores (em inglês, uma *"blended family"*) passa pelo processo de criação da sua própria identidade, com novos hábitos e regras. Coisas que funcionavam para alguns, podem não funcionar para outros. Por isso a necessidade de uma redefinição de valores entre vocês cinco que, afinal, passam a fazer parte de uma mesma unidade pela primeiríssima vez.

Para que a sua nova família passe pelos desafios desse primeiro momento de adaptação, os pais precisam **jogar no mesmo time**. A primeira referência das crianças são sempre os pais e, se essa referência não for consistente e sólida os filhos procurarão referências **fora** da família: e isso aí é o que não falta. Então, Márcia, me preocupa um pouco o fato de você e o seu marido estarem "brigando bastante" sobre a questão das tarefas dos filhos, porque vocês precisam estar no mesmo time.

E como ser do mesmo time quando duas pessoas são diferentes? Quando se participa de um time, cada componente traz diversidade consigo mesmo, pois cada um teve a sua própria história. O que une os componentes de um time é o mesmo objetivo. Pense bem, se você e seu marido resolveram se casar, é muito provável que vocês tenham idéias, sentimentos, objetivos e filosofias de vida parecidos, não é? Tente lembrar dos valores, dos ideais e das experiências que vocês dois têm em comum. Definir o time de vocês pode ser o primeiro passo nessa fase de adaptação.

Se você e seu marido se dão bem e confiam um no outro, procure abordar a questão de forma menos emotiva e mais prática. Lembre-se de que pensar diferente não significa que um está certo e o outro, errado. Quando duas pessoas procuram uma coerência, elas podem puxar daqui, tirar dali e conseguir, no final, chegar a uma resolução que serve para ambas. Você parece

estar frustrada, Márcia, e diz que o seu marido não entende o problema. Será mesmo? O que é que ele precisa “fazer” para melhorar a situação? Será que, na sua percepção, a única alternativa é a sua? Me pergunto se, nesse seu momento atual, tem sido difícil enxergar o lado dele.

A idéia aqui é a de cada um chegar mais próximo da realidade do outro (de entender o passado do outro, de perceber as diferenças e, depois, botar tudo no papel e construir uma nova versão da família). Você está chateada porque a sua filha sempre ajudou nas tarefas domésticas e os seus enteados não querem fazer nada disso porque não estão acostumados. Você acha que eles precisam mudar. Já o seu marido pode achar que quem precisa mudar é a sua filha – que ela não precisa mais tirar o lixo, ou passar roupa.

Imagino que você, tendo criado uma filha sozinha, interprete o comportamento dos seus enteados de forma negativa. Você usou a palavra *mordomia*: você está se referindo ao padrão de vida deles anteriormente, ou está sugerindo que eles tiveram muitos mimos? Vamos imaginar uma hipótese aqui:

Vamos supor que o seu marido tenha tido uma vida financeiramente mais folgada do que você, e que ele tenha tido empregados domésticos. Considerando um cenário desses, será que “não ajudar nas tarefas domésticas” significa preguiça, má vontade, falta de responsabilidade? Como é que o valor “responsabilidade” era demonstrado na família anterior do seu marido? Será, talvez, que os filhos dele tenham mostrado que são responsáveis e prestativos de outras maneiras, como fazendo tarefas escolares, tendo respeito pelos outros, etc? Pergunte a si mesma se os seus enteados são capazes, por exemplo, de cumprir algo que se comprometeram a fazer. Será que passar roupa é a única maneira de se mostrar prestativo ou responsável?

Penso em outras questões que podem, ou não estar relacionadas a esse momento de adaptação da família: Caso o seu marido não seja brasileiro, há alguma dificuldade de comunicação, em termos de idioma? E os filhos dele, como é que estão lidando com a separação da mãe? Eles se sentem confortáveis com você, no papel de madrasta? E a sua filha, como está se sentindo vivendo com meio-irmãos?

Quando as crianças reclamarem dos novos hábitos familiares, seria bom considerar se essa reclamação é sobre o que há de novo, ou se é a saudade de um passado que não existe mais. Nesse momento, mesmo que elas sintam falta da versão passada das suas famílias, elas precisam ser amparadas emocionalmente por vocês dois: é de entendimento, motivação e amparo emocional que elas precisam, não de brigas, esculachos e críticas.

Não seria uma má idéia que você e seu marido avaliem o estado emocional das crianças nessa fase. Com paciência e empatia vocês podem abordar vários tópicos: “*Quanta coisa nova de repente na nossa vida, né, filho...às vezes te*

bate saudade de quando a mamãe e o papai moravam juntos?”, ou “Eu sei que tem sido difícil dividir o seu espaço com (os novos irmãos), mas a gente tem tudo pra ser uma família muito legal, vai dar certo... E, se você quiser, de vez em quando podemos sair só nós duas, como nos velhos tempos.”

Muitas vezes, Márcia, não temos uma solução imediata para um problema. A grande maioria dos problemas que precisamos resolver não são do tipo vida-ou-morte, eles não precisam ser resolvidos desesperadamente. Quando não estamos em estado de emergência, pensamos melhor: nossas ideias são mais claras, lógicas e coerentes com a nossa filosofia de vida. Você e seu marido poderão resolver essa e muitas outras questões se ambos tiverem **calma** – sem impulsividade, acusações, ou desespero. Quanto menos emoções fortes no diálogo de vocês, mais empatia vocês poderão demonstrar um para o outro. Se, depois de tentarem várias vezes, ainda assim as brigas continuarem, sugiro que procurem um terapeuta para ajudá-los nesse entendimento tão necessário, que servirá de âncora para a sua nova família. Boa sorte!

Esta coluna não tem a intenção de substituir um contato terapêutico profissional. Ela foi criada como ponto de partida para discussões psicológicas e comportamentais. Mandem suas perguntas para o Cantinho do Divã através do e-mail: jacquelinemft@hotmail.com